

UMA SEMANA – 100A

John Gledson

Em seu *Dicionário de Machado de Assis* (verbetes “Saúde”), Ubiratan Machado diz que foi em 1895 que Machado começou a se queixar de dores de cabeça, sintoma que se tornou recorrente a partir de então. Embora na crônica seguinte Machado não deixe clara a natureza do mal que o acometera e impedira de cumprir seu dever semanal, o cronista que o substituiu atribui a esse mal a ausência do cronista neste domingo. Faltara também em 22 de outubro de 1893, mas não especificara a doença. Não há dúvida que nessa ocasião foi substituído por Ferreira de Araújo (“um senhor alto, cheio, bem-parecido” – o dono da *Gazeta* era principalmente gordo), e desta vez parece que também. O tom e os assuntos parecem estar a meio caminho entre o autor de “A Semana” e o de “Cousas políticas”, a coluna que Ferreira de Araújo mantivera por muitos anos às segundas-feiras. Sob as queixas, procura-se lisonjear Machado, reconhecido e admirado autor da série (e de *Tu, só tu, puro amor*).

Além disso, esta crônica tem muito interesse, principalmente por duas razões: primeiro, por sob a ironia, percebe-se que Machado foi visto como um cronista especial, insubstituível, que tinha o seu próprio “prisma”, sua maneira de ver as coisas, e que estava longe de limitar-se aos “fatos” que trata.

Segundo, como era muito de sua índole, Ferreira de Araújo (vou supor que é ele mesmo quem escreve) dá muito mais detalhes sobre a situação política do que Machado daria, e muito mais abertamente – até com certa ousadia e descaro. Em certo sentido, esta crônica serve para medir a discrição do nosso cronista habitual.

Havia mês e meio, mais ou menos, que terminara a revolta na baía de Guanabara, com a fuga de Saldanha da Gama para o sul, mas a guerra em si continuava, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. A censura ainda imperava, os jornais eram exíguos; a *Gazeta* tinha quatro páginas, das quais só uma tinha notícias substanciais (*O Paiz*, que era governista, tinha seis). Mas as eleições para a presidência, senado e câmara tinham corrido sem problemas, embora não se soubesse oficialmente quem seria o novo presidente. Os teatros estavam também sob censura, o que explica a volta à cena de figuras e peças dos anos 1860 (Furtado Coelho, *Pedro Sem*), e a invasão de espetáculos circenses nos teatros mais conceituados.

Típico mesmo de Ferreira de Araújo, homem perspicaz e corajoso, são as alusões quase diretas à monarquia: à “constituição *Pedro Sem*” – isto é à constituição republicana, oposta à do império, e sobretudo no final, quando “adapta” um provérbio tradicional, substituindo “el-rei” pelo “Sr. presidente da República” – daí passa a criticar a censura: “se depois de verificarmos até os rifões, ainda há quem proteste...”, e a dizer que a justiça, sendo deusa estrangeira (isto é, aqui no Brasil não há?), será parcial (isto é, se lhe tirarem a *venda* que tradicionalmente tem sobre os olhos), se tirar a *venda* (isto é, o direito de vender) aos não nacionais (isto é, em sua grande maioria, portugueses) donos do comércio a retalho, medida tipicamente nacionalista, favorecida pela ala florianista, jacobina, do governo republicano. (Creio que desembrulhei corretamente esta última frase, que de fato não é tão “direta” assim.)



UMA SEMANA

29 de abril de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

...ou antes, mais uma e sem exemplo. Um homem que só tem que fazer uma vez sobre sete dias, e isso justamente no dia em que folgavam os judeus, não tem o direito de adoecer senão a partir do sábado dos cristãos até a sexta-feira seguinte. Adoecer justamente no domingo da gente de Israel é judiaria. Tanto mais quanto é materialmente tão possível a um cidadão dizer à dor de cabeça: espera! quanto foi possível a Josué dizer ao sol: para.¹ E o cronista não há de querer que o seu substituto comece agora, depois de plena juventude, a pôr em dúvida o que dizem os livros santos.

E demais, o que pode significar a dor de cabeça do cronista? Querirá ele fazer-nos crer que, depois de cada gestação semanal, dá à luz as suas crônicas, livre da sentença que o Padre Eterno impôs à mulher, que teve a ventura única na história da humanidade de ver coincidir o seu primeiro frêmito pecaminoso com o primeiro frêmito pecaminoso que se produziu sobre a superfície da terra em criatura humana? A sua dor de cabeça será quando muito um caso de distocia: exigindo a presença dos Feijós do cérebro,² mas nunca servirá de razão para se impingir uma estopada destas a quem está com o pé no escritório e o olho no relógio para não perder o trem de Petrópolis. E isto sem contar com o logro que se prega aos leitores, logro sobre o qual não insiste o rabiscador destas linhas, para não ofender a sua reconhecida modéstia.

E dizer que nem ao menos o malvado mandou notas de fatos notáveis. Dirá ele: os fatos são fatos, não se passaram dentro das minhas gavetas, quem quiser pode tê-los visto e apreciá-los. Primeiro que tudo, os fatos nem sempre são fatos; muitas vezes são simples boatos. E depois, há o prisma. Suponha o cronista que o seu substituto passou a semana inteira a ver tudo de uma certa cor. Que tudo o que se passou sumiu-se como que em uma nuvem que fosse formada de fios sedosos de cabelos. Que tudo o que lhe

¹ Josué 10:13.

² Luís da Cunha Feijó (1817-1882), visconde de Santa Isabel, foi lente catedrático de Partos de 1851 a 1872, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi o mais reputado do seu tempo, e obstetra da Casa Imperial, assistindo aos partos da princesa Isabel. Distocia é termo médico para “qualquer problema que dificulte ou impeça o parto” – não esqueçamos que Ferreira de Araújo era médico treinado.

passou pelas mãos deixou-lhe a sensação de uma pele alva e macia, e que os seus ouvidos só se abriam para uma voz única, a que tem o privilégio de por eles ser preferível a todas as harmonias da natureza e da arte. Suponha que, a pretexto de uma dor de cabeça, que não é mais que a exageração de um estado fisiológico habitual, ele passou a pena – e a perna – a um pobre companheiro escravo de moléstia mais grave. E peça-lhe depois que diga do que vai pelas sessões preparatórias da câmara e pelo conselho municipal, e pela rua do Ouvidor, e pelo teatro de S. Pedro transformado em circo, e pelo circo da Guarda Velha transformado em teatro lírico, e que conte como o Furtado Coelho está a fazer uma revolução no Politeama, e como o *Pedro Sem* ainda embasbaca os povos, que pretendem achar madura a *Dalila*; e que lhe narre a história dos protestos e contraprotostos, e a das listas e a das preferências, que deu lugar a que mais uma vez se verificasse o rifão: “o bocado não é para quem o faz, mas para quem o come.”³

Tudo isto é muito bom, tudo isto é muito assunto para crônica, *chair à copie*,⁴ mas há o prisma. E antes de se passar o papelão pergunta-se a quem está de guarda: qual é o teu prisma? de que cor é o teu céu? por onde andas tu? cuidas dos pés, descalçando-os e fazendo-os passear sobre a relva úmida à moda do pastor Kneipp?⁵ ou andas como

³ A câmara dos deputados, eleita em 1º de março, começava seus trabalhos, e, como temos visto em crônicas anteriores, o conselho municipal trabalhava normalmente. As outras referências são todas ao (pouco) que se passava no teatro, e que vem anunciado nos jornais: o teatro S. Pedro de Alcântara apresentava “a companhia equestre Rosita de la Plata”, *clowns*, e outros. O teatro Lírico (ex-D. Pedro II) ficava na rua da Guarda Velha, e o prédio tinha sido ocupado pelo Circo Olímpico até 1857 – daí a piada. Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (1831-1900) foi ator e empresário português que atuou principalmente no Brasil, e foi muito ativo nos anos 1860 no teatro Ginásio, onde promovia o teatro realista francês: nessa época, Machado o conheceu. No fim da carreira, porém, já não tinha a força nem a popularidade de antanho; a peça que representava, e em que tomava parte, chamava-se *A revolução*, que representa “A vitória do povo contra a aristocracia prepotente” (não se diz o nome do autor); no dia 28 de abril, anuncia-se no teatro Recreio Dramático uma “única representação” de *Pedro Sem (que já teve e agora não tem)*, de Luís Burgain (1812-1876), peça de 1847 sobre um rico português que, punido por Deus, perde todo o seu dinheiro numa tempestade, e fica “sem”. *Dalila*, drama romântico e melodramático de Octave Feuillet, muito popular nos anos 1860, foi comentado por Machado no *Diário de Rio de Janeiro* em abril de 1860, e lembrado mais vezes (ver nota 1 à crônica de 20 de abril de 1889, de “Bons Dias!”). Os protestos e contraprotostos, tais como as listas e preferências, referem-se aos trabalhos do congresso, ocupado na “verificação de poderes”, isto é, na apuração e escrutínio dos resultados da eleição, o que possibilitava, nas palavras de Marcos Guedes Veneu, “a ‘degola’ dos candidatos que dispusessem de menor influência”, o que explica o rifão do fim do parágrafo. Acrescenta-se que até o fim dessa semana nem uma só eleição tinha sido confirmada, graças à interferência do senado.

⁴ Material (literalmente: “carne”) para uso de jornal.

⁵ O padre bávaro Sebastian Kneipp (1821-1897) foi o defensor mais famoso da hidroterapia, ou cura pela água, que virou verdadeira mania no fim do século XIX; tinha clientes famosos – Darwin e o papa Leão XIII, entre outros. Neste momento, a *Gazeta* publicava uma série de artigos sobre seus tratamentos.

o astrônomo da fábula, a mirar estrelas, sem ver o abismo aberto:⁶ essas tiras de papel branco que pedem tinta, e que gostariam de também, desta vez, receber ideias?

Mas não. Primeiro, a minha dor de cabeça. E aos olhos do egoísmo, o conforto, a segurança da pessoa e da vida passam a ser como o estatuto fundamental, de modo que se se lhe for dizer que ele está a cuidar primeiro de viver, deixando a outro o cuidado de filosofar, ele responderá muito ancho que o que está é a zelar pela constituição.

E com esse mesquinho jogo de palavras, suprimindo um possessivo, fará crer às massas que a constituição lá dele é a constituição, sem mais nada, a constituição *Pedro Sem*.

E quem vier atrás, que feche a porta, e lance os olhos em redor de si, e se puder ver outra coisa que não sejam os tais cabelos, e se puder ouvir outra coisa que não seja sempre aquela mesma voz, e se puder sentir algo que se não pareça com uma pele alva e acetinada, e se tiver de obra de poeta outra reminiscência que não seja o *Tu, só tu, puro amor*, que já deu um soneto e uma comédia,⁷ e dá todos os dias a história da vida de muitos homens, que diga para aqui por que é que já se restabeleceu a navegação entre todos os portos da República, menos entre a Prainha e Mauá;⁸ por que é que anda tão devagar o reconhecimento de poderes que há quem receie que o 3 de maio não seja feriado⁹ e a gente tenha de trabalhar nesse dia, como se fosse qualquer dia santo¹⁰, problemas estes de solução quase tão difícil como o do ovo, para quem não é Colombo.¹¹

No entanto, como Deus – se Deus ainda se usa – pôs sempre perto do mal o remédio, e como quem não é Colombo, pode bem ser João Fernandes, há sempre para os problemas insolúveis uma solução, que consiste simplesmente em não os resolver. E é o que faz o substituto do cronista. Do mesmo modo que este, *ex auctoritate* que se atribui, resolve dizer: esta semana não há cronista; aquele que tem de aguentar a carga decrete, como se fosse qualquer monarca absoluto: esta semana não há crônica.

Queixem-se embora os leitores da *Gazeta*; digam que esta coluna está como o cajueiro famoso de Pernambuco, que depois de velho desnordeou, e dava um ano maçãs

⁶ A história do astrônomo que, de tanto fitar as estrelas, caiu num poço, aparece pela primeira vez no diálogo *Teeteto*, de Platão. Desde então tem sido repetida por muitos autores. Machado cita mais de uma vez.

⁷ “Tu, só tu, puro amor, com força crua / que os corações humanos tanto obriga” são versos dos *Lusíadas*, III, estrofe 119, referentes à tragédia de Inês de Castro. A peça, claro, é de Machado, escrita para o terceiro centenário de Camões, em 1880. O soneto é mais difícil de identificar: será erro do cronista?

⁸ Já mês e meio depois do fim da Revolta, os portos reabriram-se. A navegação entre Prainha e Mauá (no fundo da baía) levava os passageiros para o trem de Petrópolis.

⁹ O 3 de maio, feriado instituído pela República em 1890, é o aniversário do descobrimento do Brasil

¹⁰ Pequeno mistério: “dia santo” é dia em que não se trabalha, o que parece ser o oposto do que o cronista quer dizer. Será que quis, ou tencionava dizer “santo dia”?

¹¹ Colombo resolveu o problema de fazer um ovo ficar de pé numa mesa, dando um ligeiro tapa num dos extremos.

e no outro ano peras;¹² suspirem as senhoras afeitas a encontrar aqui sempre um raio da luz divina da poesia e resmunguem os lapidários do estilo, que sempre aqui achavam alguma coisa que aprender. Isto hoje é uma bala de estalo, que saiu chocha, um bilhete de loteria que saiu branco. É que onde não há, o Sr. presidente da República o perde.¹³ E se depois de verificarmos até os rifões, ainda houver quem proteste, é que a justiça, em sua qualidade de deusa estrangeira, precisa que lhe tirem a *venda*, a bem da nacionalização do comércio a retalho.¹⁴



¹² Não encontrei referência a esta árvore mítica.

¹³ A forma original deste rifão parece ser: “onde não há, el-rei o perde”.

¹⁴ Como a justiça é deusa estrangeira, é preciso que lhe tirem a “venda”, isto é, a famosa venda que tem sobre os olhos, que lhe garante a sua imparcialidade. Há aí um jogo de palavras, pois “venda” tanto remete à faixa de pano que cobre os olhos da justiça quanto a pequeno estabelecimento comercial varejista – o autor se refere à nacionalização do direito de vender, já que o comércio a retalho estava em grande parte nas mãos dos imigrantes portugueses, alvo preferencial dos “nacionalistas” florianistas e jacobinos.